

RESISTÊNCIA DAS MULHERES LATINO-AMERICANAS: NI UNA MENOS

Thaynná Soares Maciel; Antonio Carlos Batista da Silva Neto.

Universidade Estadual da Paraíba, thaynnamaciel45@gmail.com; Universidade Estácio de Sá, Universidade Estadual da Paraíba, netoantoniocarlos@outlook.com.

Resumo:

À medida que os corpos femininos são expostos – ou não expostos – socialmente, discursos machistas tentam classificar o arquétipo feminino entre: o para casar, o para transar. O corpo da mulher é rotulado, menosprezado e fragilizado na contemporaneidade por sua exposição, contrariamente este mesmo corpo foi pintado de forma frágil e desnuda desde a antiguidade. Partindo desse pressuposto, nosso trabalho se encontra como uma pesquisa de caráter bibliográfico, explicativo e descritivo, com o objetivo de investigar como as lutas das mulheres na contemporaneidade utiliza e expõe esses corpos como plataforma de resistência, assim empregamos como corpus o movimento feminista argentino *Ni una menos*, que surgiu em Buenos Aires, como resposta a violência ao corpo feminino, tendo alcance em diversos países da América Latina. Para isso, nosso aporte teórico consiste em teóricas dos estudos Queer como Beauvoir (1970), Pinto (2003), Bento (2017) e outras, para que a relação vertical do poder (homem-mulher) seja quebrada não só na prática deste trabalho, como também na teoria, reverberando assim a luta e a voz das mulheres em todas esferas sociais.

Palavras-chave: Arquétipos femininos, feminismo, quarta onda feminista.

1 INTRODUÇÃO

Dadas as condições das sociedades latino-americanas, descentralizadas e colonizadas culturalmente desde os primórdios, o corpo feminino latino-americano não só sofre com as repressões diárias numa sociedade machista, sexista e misógina, como também sofre pelos ideais culturais oriundas da Europa, uma vez que as necessidades e as problemáticas das mulheres latino-americanas, são divergentes das europeias. No que tange aos ideais culturais-sociais, percebe-se que a luta do feminismo, quase nunca teve representantes latino-americanas, é na necessidade de se estudar e relatar as problemáticas das mulheres latino-americanas que esse trabalho se justifica.

No marco da campanha do movimento, originalmente argentino, *Ni una menos* estão englobados uma série de movimentos que não só lutam contra o assassinato de mulheres – por serem mulheres – e/ou violência baseada em gênero, mas que também se apresentam como um

defensor das mulheres em uma sociedade chamada "igualitária" ao buscar protegê-las legalmente, afetivamente e socialmente, e ao trazer para debates a luta de grupos feministas puramente latinos, como por exemplo: a luta das mulheres indígenas na Bolívia.

Com isso, nosso primeiro ponto discutirá as questões referentes ao arquétipo feminino e a construção histórica do que é ser mulher, como também relatará de forma descritiva o surgimento e a evolução do feminismo. Para isso, ratificamos que em nosso trabalho, utilizaremos como teoria somente textos de escrita feminina, e em sua pluralidade latino-americanos, como Beauvoir (1970), Pinto (2003) e Bento (2017), além de reportagens, feitas em sua maioria por jornalistas, nos mais diversos veículos de imprensa com o objetivo de perceber como esses estudos chegam até a sociedade no dia-a-dia. para que a relação vertical do poder (homem-mulher, e colonizador-colonizado) seja quebrada também na teoria, reverberando assim a luta e a voz das mulheres.

Por fim, o segundo ponto trairá para debates as questões postas pelo movimento *Ni una menos*, movimento este que surgiu em Buenos Aires, como resposta a violência ao corpo feminino e com alcance em diversos países da América Latina, que não só servirá como corpus de nossa pesquisa, como evidenciará a necessidade de estudos sobre as representações femininas latino-americanas na contemporaneidade.

2 METODOLOGIA

Nosso trabalho se encontra como uma pesquisa de caráter bibliográfico, explicativo e descritivo, com o objetivo de investigar como as lutas das mulheres na contemporaneidade utiliza e expõe esses corpos como plataforma de resistência, assim empregamos como corpus o movimento feminista argentino *Ni una menos*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O ARQUÉTIPO FEMININO

O corpo feminino – tão julgado na contemporaneidade pela sua exposição – é exposto como obras artísticas, pintado de forma frágil e desnuda desde a antiguidade. Contudo, defender a representação e a exposição do corpo nu, em especial do corpo nu feminino, através da história da

arte talvez não seja a melhor estratégia para questionar a ira, vergonha e polêmica que gira em torno do tema.

A exposição do corpo feminino, oprimido pelo olhar do homem-cis-hetero conversador, e de muitos que compartilham das mesmas ideias machistas e patriarcais, pelas roupas usadas ou pela nudez em protesto, é aceita sem pudor quando serve para deleite do homem. A nudez e a pornografia são permitidas e bem-quistas se for para desejo do homem, agora se for para mostrar que a mulher tem o controle da própria imagem e narrativa, não pode. Segundo Beauvoir (1970, p. 16) este arquétipo feminino foi criado por homens “como vimos pelas frases citadas de Aristóteles e Sto. Tomás desde a antiguidade, moralistas e satíricos deleitaram-se com pintar o quadro das fraquezas femininas”. Ainda segundo a filósofa, O homem vê a mulher exclusivamente como um ser sexual, um objeto de e para sexo, pois “a fêmea é sexo” (BEAUVOIR, (1970, p. 16).

Ainda que as mulheres saibam que seus corpos são objetos de desejo quando lhe cabem e objetos de repressão outras vezes, ocasionalmente, acabam por permanecer em relacionamentos abusivos por questões financeiras, emocionais, sociais e/ou culturais. É nesse momento que algumas reflexões podem surgir a respeito da relação homem-mulher, e nos fazem querer associar a desigualdade de gênero, machismo, violência sexual e/ou psicológica a este “medo” de não ter um homem ao seu lado, e por tanto não ser uma mulher “bem vista” nos espaços sociais. Uma vez que é ensinado à mulher e ao seu corpo, através de uma sociedade patriarcal que reforçar o arquétipo cis-hetero e que amedronta a emancipação de seres ditos mais frágeis, que sua importância social deve estar, quase sempre, dependente de um homem (seja seu pai, seu irmão, seu marido).

E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem como uma evidência total. (BEAUVOIR, 1970, p. 08-09)

A divisão dos sexos seja nas roupas (homem não pode usar roupa rosa porque é cor de mulher), nos corpos (a mulher não pode ter um corpo muito musculoso porque vai parecer um homem), e até mesmo na forma de ambos os gêneros se portarem (homem não pode se portar de forma afeminada, nem a mulher de uma forma masculinizada) normaliza os corpos, os sorrisos, as atitudes, os interesses e as ocupações.

3.1.1 O feminismo

Tudo que envolve ser mulher, até mesmo a feminilidade, é repleta de padrões, imposições e comportamentos que são construídos socialmente. Beauvoir (1970, p. 07) aponta que “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada”, uma vez que, “NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. (1970, p.09, grifo do autor).

O pensamento da filósofa francesa nos abre para uma reflexão a respeito dos arquétipos: homem e mulher e sua construção social. À medida que ao nascer e ouvir do médico que o bebê é uma menina, se constrói uma série de signos, atributos, direitos e deveres que devem ser seguidos como norma e que definem o que é ser mulher socialmente. Contudo, o ser mulher envolve muito mais que uma série de signos atribuídos em seu nascimento.

A criança, quando nasce, se tem uma vagina, vai usar cor de rosa, vai ter um conjunto de imperativos apontando como a criança deve se comportar. Então você tem uma produção em série de brinquedos, discursos, religiões sobre uma feminilidade ou uma masculinidade inteligível. É uma cirurgia discursiva, porque **o médico diz ‘você tem uma menina’ está escrevendo uma gramática de gênero, em um léxico social que já está fadado.** (BENTO, 2017, p. 109, grifos nossos.)

Ainda ao que se refere a estes signos, atributos direitos e deveres que envolvem o ser mulher, são inúmeras as imposições ditas “normais”, tratadas com “naturalidade” e como “brincadeiras”: deste a boneca que remete ao despertar da mãe interior, o brincar de casinha e cozinha, o vestido cor de rosa e o sentar de pernas cruzadas. Todas com o intuito de ensinar a ser “uma boa mãe e esposa”, reforçar a fragilidade do gênero feminino e a submissão a tudo que é masculino. Não obstante, as mulheres são mais que um gênero, um vestido, uma boneca, um útero – uma vez que o sexo biológico feminino/órgão genital feminino não determina se sua identidade de gênero é feminina, como exemplos temos as mulheres transexuais e travestis, que ultrapassam os padrões, e os signos ditos masculinos, que lhes foram impostos desde cedo e escolhem ser aquilo com o que realmente se identificam, dado que a biologia é apenas um fator na construção como indivíduo e “a masculinidade e a feminilidade não têm anda a ver com a estrutura biológica” (BENTO, 2017, p.107).

É precisamente neste momento que surge a necessidade de quebrar esses padrões culturais machistas, misóginos e patriarcais que tentam definir o que é ser mulher, em nome da luta pela

igualdade de gênero e pela quebra destas normas, uma vez que o machismo está enraizado na sociedade e seus vestígios aparecem desde muito cedo.

3.1.1.1 A primeira onda

Ainda que o ideal do feminismo originariamente tenha sido no início do século XVIII com o Iluminismo. Um discurso crítico utilizou as características do ideal do feminismo em contexto universais, não caracterizando o Iluminismo como um movimento feminista em suas raízes.

Contudo, as origens políticas do feminismo surgiram na revolução francesa em 1789. Este acontecimento dá ênfase a igualdade jurídica entre homens e mulheres, a liberdade e os direitos políticos femininos. As mulheres se organizaram para protestar contra as diferenças contratuais e da capacidade de conquistar propriedade, e também contra os casamentos arranjados, que aniquilavam completamente os direitos de escolha e sentimento das mulheres. Mas logo ocorreu um grande contratempo, no qual as grandes conquistas das revoluções liberais não afetaram as mulheres, já que Jean-Jacques Rousseau, teórico político e um dos principais filósofos do Iluminismo, utiliza sua teoria política para eliminar totalmente as mulheres dos campos das propriedades e dos direitos. Com isso, na revolução francesa, a voz das mulheres iniciou a ser expressa coletivamente.

Ratificamos que a queima dos sutiãs, movimento sempre citado como símbolo da luta feminista, tratou-se de um protesto contra a mão de obra trabalhista das mulheres, com o intuito de reacender as lutas feministas e tentar minimizar a exploração trabalhista contra as mesmas. As ativistas despejaram no chão do evento “Miss América”, sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, sprays de laquê, maquiagens, revistas femininas, espartilhos, cintas e outros que simbolizavam o mundo feminino. A queima propriamente dita não aconteceu por estarem em um lugar privado.

Já o termo “primeira onda” surgiu em 1968 por Marsha Lear, quando escreveu na The New York Times Magazine. Ao mesmo tempo utilizou o termo “segunda onda” do feminismo. No qual apontou que esta primeira onda feminista ocorreu em meados dos séculos XIX e XX, em todo o mundo, mais especificamente no Reino Unido, Canadá, Países Baixos e também os Estados Unidos. Estas manifestações, movimentos e lutas feministas se concentraram em questões jurídicas, nas quais centralizavam suas forças em obter o direito ao voto.

3.1.1.2 A segunda onda

A atividade feminista que teve início na década de 1960 nos Estados Unidos e durou até 1980, é nomeada como a segunda onda do feminismo. Precisamente, se inicia nos Estados Unidos e depois se espalha por todo o mundo ocidental, se tornando um movimento de grande força na Europa e em algumas partes da Ásia, como Turquia e Israel.

Enquanto na primeira onda feminista, os movimentos eram focados no direito ao voto, direitos de propriedade, etc. Na segunda onda do feminismo a discussão proporciona uma amplitude para debates sobre: sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos e desigualdades legais no âmbito jurídico.

Este movimento também procurava trazer foco para a violência doméstica e problemas de estupro conjugal, lutava também pela criação de abrigos para as mulheres que sofriam violência e eram maltratadas, pela mudança nas leis de custódia e divórcio. Nesta época as mulheres conquistam grandes avanços nas profissões, nos meios de comunicação e nos esportes, todas estas conquistas se tornam possíveis por conta do ativismo da segunda onda feminista.

3.1.1.3 A terceira onda

Originada na década de 1990, contendo líderes feministas com ligações com a segunda onda como: Gloria Anzaldúa, Cherrie Moraga, Audre Lorde, Maxine Wong Kingston, e também inúmeras feministas negras, as quais buscavam ocupar um espaço dentro do movimento feminista para poderem serem ouvidas e expressar suas lutas relacionadas às mulheres negras, a terceira onda do feminismo foi uma resposta as possíveis falhas da segunda onda, e também uma represália aos movimentos que foram criados na primeira onda.

Com o objetivo central de desconstruir ou evitar as definições essencialistas da feminilidade que também foram criadas pela segunda onda, na qual a mesma só falava sobre a experiência de mulheres brancas e de classe média alta, já que não só as mulheres brancas sofriam com abusos e repressões e as mulheres negras também sofriam com o machismo. Uma das maiores discussões da terceira onda, se encontrava na interpretação pós-estruturalista do gênero e da sexualidade e abordavam também a micropolítica – política que diz a respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais cotidianas. As feministas da terceira onda estendem seus objetivos e focam

na teoria queer, na eliminação de arquétipos e padrões baseados em gêneros ao desconstruir todos os rótulos presentes no gênero.

3.1.1.4 A quarta onda do feminismo é totalmente latino-americana

Cecília Palmeiro, integrante do movimento *Ni una menos*, em uma entrevista para a revista CULT, sobre o feminismo latino-americano e a internacionalização do discurso feminista, aponta que a importância de reconhecer a luta de mulheres fora do eixo europeu ocasionaria, possivelmente, no surgimento de uma quarta onda do feminismo totalmente latino-americana.

Não houve um país latino-americano que não aderiu à Greve Geral e ao Paro Interacional de Mulheres. Estávamos todas ligadas nas mesmas questões, crescemos muito com esse diálogo e conseguimos ampliar vozes que não tinham um lugar privilegiado no feminismo (GONZALEZ, 2017)

A integrante também ressalta que o movimento *Ni una menos* apoia e luta pela igualdade de gênero ao participar da Greve Internacional de Mulheres no dia 8 de Março. Neste dia as mulheres param, não vão para os seus trabalhos, nem cuidam dos filhos, muito menos fazem tarefas domésticas, com o objetivo de lutar pelo fim do feminicídio usam a frase de ordem “Se nossas vidas não importam, produzam sem nós”¹.

Desde modo, reforçam que as produções de trabalho pelas mulheres não se resumem somente a um âmbito, uma vez que além das mulheres trabalharem fora de casa ainda existe o trabalho doméstico, e dificilmente alguém as reconhecem por esta segunda carga de trabalho.

3.2 RESISTIR PARA SOBREVIVER: O SAIR ÀS RUAS

Associada desde a infância ao “frágil”, o ser feminino e sua sexualidade sofre com imposições diárias de papéis que as educam o que é ser mulher, como devem se portar e o que devem – ou não – fazer no âmbito social (entende-se aqui como social todo e qualquer espaço de convivência: o espaço familiar, educacional, profissional e a própria rua). De brincar de bonecas e vestir rosa ao sentar-se e comportar-se de forma “adequada”, as imposições para uma menina/mulher estão presentes desde cedo.

¹ Si nuestras vidas no valen, produzcan sin nosotras.

3.2.1 Ni Una Menos: Buenos Aires

O assassinato a pauladas da jovem Chiara Páez com apenas 14 anos e grávida do seu namorado Manuel Vallejos, de 16 anos, gerou uma grande comoção na população argentina e particularmente entre jornalistas e escritoras. Ainda que o gatilho para essa comoção não esteja evidente e/ou claro, acredita-se que a falta da repercussão necessária para com o crime tenha gerado a indignação destas jornalista e escritoras e posteriormente o movimento feminista argentino *Ni una menos* deu-se início ao arrastar milhões de pessoas pelas ruas da Argentina.

O feminicídio que aconteceu em Rufino, 450 quilômetros ao oeste de Buenos Aires, surpreende pelos indícios de crueldade do jovem Manuel Vallejos que não só mata Chiara Páez a pauladas como a enterra no jardim da casa de seus avós. Ainda que o motivo para o crime não esteja claro, acredita-se que a motivação tenha sido gerada pela gravidez indesejada da jovem, uma vez que foi encontrado pela perícia médica vestígios de remédio abortivo no seu sangue. Somente após dois anos e três meses de sua morte, muita luta por parte dos pais da jovem e inúmeras marchas do movimento *Ni una menos*, é que a prisão do mesmo pôde ser comemorada e a vitória da justiça foi, parcialmente, cumprida com a condenação de Manuel Vallejos a 21 anos de prisão.

O movimento que se iniciou em 2015 na Argentina e reuniu multidões, cruzou fronteiras atingindo vários países latino-americanos como Chile, Uruguai, Equador etc. e todo 3 de junho, data da morte de Páez, a marcha se repete e a luta pelo fim do feminicídio e pela igualdade de gênero continua.

Figura 1 – O movimiento *Ni una menos* Argentina.



Fonte: Site do *Ni una menos*, 2015.

Os artistas Juan Minujin, Maitena e Erica Rivas no primeiro *Ni una menos* foram os responsáveis pela leitura do documento oficial do movimento, no dia 3 de junho, em Congresso – Buenos Aires. No documento contêm dados que apontam para a quantidades de mulheres mortas de 2008 até 2015, data do primeiro movimento.

O feminicídio é a forma mais extrema desta violência e atravessa todas as classes sociais, credos e ideologias: Mas a palavra “feminicídio” é, ademais, uma categoria política, é a palavra que denuncia o modo em que a sociedade coloca como natural algo que não é: a violência machista. E a violência machista é um tema do Direito Humano. Falamos então de uma cultura de violência contra a mulher. Falamos de homens que pensam que uma mulher é sua e que tem direito sobre ela, que podem fazer o que querem, e que quando essa mulher diz NÃO, a ameaça, a bate, a mata para impedir que diga NÃO. O feminicídio é isso: marca os corpos das mulheres violentamente, e como ameaça para outras: para que as mulheres no possam dizer que não, para que renunciem a sua independência. (NI una menos, 2015, p. 01, tradução nossa.)²

O primeiro ponto do documento traz as taxas de feminicídio nos anos de 2008 e 2014, nele fica evidente que em 2008 houve uma mulher morta a cada 40 horas, já em 2014 a cada 30 horas. Enfatiza também que se faz necessário mudar a cultura que tende a pensar e/ou ver a mulher como objeto de consumo, sexual e de descarte, já que a sociedade, e esta cultura machista, não vê a mulher como uma pessoa autônoma.

O movimento *Ni una menos* luta para que as mulheres possam dizer “não” e para que este “não” seja respeitado sem nenhuma ameaça, violência ou morte pelo que foi dito. Segundo o documento do movimento (2015) o feminicídio é isto: abusar sexualmente das mulheres, agredi-las, mata-las, para que as mesmas não tenham o direito de expor e falar seu não.

Os crimes de feminicídio não são ocasionados apenas por “estranhos”, na maioria das vezes o agressor está inserido no meio familiar das vítimas, e não é apenas o assassinato da mulher propriamente dito, existindo também o feminicídio moral, ao ser oprimida, chamada de puta por sua roupa ou quando exprime sua sexualidade abertamente.

Lutam para dizerem não, para ter direitos sobre seus corpos, sua sexualidade, com as vidas afetivas, participação em sociedade, no trabalho, na política, e em todos os âmbitos. Dizem *Ni una menos* pela dor de inúmeras vítimas que só crescem, gritam pela vida das mulheres.

² El femicidio es la forma más extrema de esa violencia y atraviesa todas las clases sociales, credos e ideologías: Pero la palabra “femicidio” es, además, una categoría política, es la palabra que denuncia el modo en que la sociedad vuelve natural algo que no lo es: la violencia machista. Y la violencia machista es un tema de Derechos Humanos. Hablamos entonces de una cultura de la violencia contra las mujeres. Hablamos de hombres que piensan que una mujer es suya y que tienen derecho sobre ella, que pueden hacer lo que quieran, y que cuando esa mujer dice NO, la amenazan, le pegan, la matan para impedir que diga NO. El femicidio es eso: marcar los cuerpos de las mujeres violentamente, y como amenaza para otras: para que las mujeres no puedan decir que no, para que renuncien a su independencia.

3.2.2 O alcance do Ni una menos

Ainda que o movimento *Ni una menos*, tenha surgido em Buenos Aires, o mesmo teve alcance em diversos países da América Latina. A exemplos temos o caso do movimento em Bolívia e Peru.

Figura 2 – Movimento Ni una Menos Bolívia.



Fonte: Portal La Razon, 2016.

Figura 3 – Movimento Ni una Menos Peru



Fonte: Portal El comercio, 2017.

Na Bolívia foi registrado cerca de 79 feminicídio, provocando o início das marchas nas cidades La paz, Cochabamaba e Santa Cruz. Em La Paz, as mulheres que percorreram desde a Praça Murillo até a “Fisclía”, se concentraram em frente ao Museu Nacional de Arte, todas, sem exceção, vestidas de preto e com cartazes em suas mãos gritavam: “Nenhuma mais, nenhuma morta mais”³.

No Peru, a marcha acontece no dia 25 de novembro, dia internacional da eliminação da violência contra a mulher. O país tem a segunda taxa mais alta de violência sexual de toda latino-américa, atrás apenas da Bolívia, são 28 a 35 crimes por cada 10.000 habitantes, isto tudo de acordo com a OEA (Observatorio de Seguridad Ciudadana). A marcha do movimento *Ni una menos* ocorreu no Peru por conta da taxa das violências contra as mulheres, contudo as coisas não mudaram significativamente. “As coisas não mudaram” é a frase principal nas redes sociais para a convocatória da marcha.

³ Ni una más, ni una morta más.

PALAVRAS (NÃO) CONCLUSIVAS

O arquétipo feminino é uma imposição social, a ideia do ser mulher foi normalizada ontem, é normalizada hoje, e possivelmente será normalizada amanhã. A luta por libertar-se de tais padrões é ainda difícil, contudo não impossível. Já que cada vez mais as mulheres percebem que seus corpos não estão ao deleite dos homens.

O feminismo surge como um ideal de empoderamento e de discussão sobre esses arquétipos femininos, sobre o que é ser mulher e seu papel na sociedade. A primeira, segunda e terceira onda feminista representam as mais diversas formas de lutas das mulheres pela igualdade de gênero e o fim do feminicídio, já a quarta onda feminista, localizada na contemporaneidade e em desenvolvimento constante, indica pela primeira vez a luta de mulheres latino-americanas. O movimento *Ni una menos*, originalmente argentino, mas com alcance em toda América Latina, é de crucial importância para essa nova onda feminista ao descentralizar e ao descolonizar as problemáticas de gênero e ao lutar de forma justa pelo fim do feminicídio e pela igualdade de gêneros.

Por se tratar de um assunto em pleno desenvolvimento torna-se quase que impossível delimitar se estas lutas feministas alcançaram, ou alcançarão, seus objetivos. Contudo, percebe-se que o corpo feminino e o ser mulher já tem uma nova leitura na sociedade contemporânea, e que o feminismo e as problemáticas nele discutidas evidenciam a busca por uma sociedade igualitária. Ainda que a passos curtos, as mulheres estão alcançando seus objetivos tão almejados, principalmente no que se refere a América Latina, uma vez que nossas sociedades não só sofrem como o machismo, sexismo, patriarcalismo vigente em toda sociedade, como também com a visão colonizadora sobre nossos corpos, que quase sempre são inferiores culturalmente aos dos colonizadores. Assim percebemos que o ser mulher é mais do que um útero ou qualquer outro fator biológico, ultrapassando isso à medida que a sua construção é diária e plural.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e Mitos (Vol. 1). 4ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BRAGA, El mostrador. **Vocera Ni Una Menos Chile**: "Hay un fracaso de la institucionalidad respecto de las cifras de violencia contra la mujer". Disponível em: <<http://www.elmostrador.cl/braga/2018/01/14/vocera-ni-una-menos-chile-hay-un-fracaso-de-la-institucionalidad-respecto-de-las-cifras-de-violencia-contra-la-mujer/>> Acesso em 28 de abril de 2018.

EL COMERCIO. **Ni una menos**: convocan a marcha para el 25 de noviembre. Disponível em: <<https://elcomercio.pe/lima/sucesos/convocan-marcha-25-noviembre-noticia-465262>> Acesso em 28 de abril de 2018.

FREITAS, Ana. **Rosa já foi cor de menino (e azul, de menina)**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://colunas.revistagalileu.globo.com/buzz/2013/11/28/rosa-ja-foi-cor-de-menino-e-azul-de-menina/&gws_rd=cr&dcr=0&ei=AcYqWs2dBsismQHIz4CACQ> Acesso em 28 de abril de 2018.

GONZALEZ, Mariana. **Quarta onda do feminismo é tipicamente latino-americana, diz fundadora do Ni Una Menos**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quarta-onda-feminismo-latino-americana/>> Acesso em 28 de abril de 2018.

GUARACHI, Angel. **En Bolivia se suma a la campaña ‘Ni una menos’ em contra de la violencia contra la mujer**. Disponível em: <http://www.la-razon.com/sociedad/Bolivia-suma-campana_0_2585141548.html> Acesso em 28 de abril de 2018.

NI una menos. Disponível em: <<http://niunamenos.com.ar/>> Acesso em 28 de abril de 2018.

_____. **Documento Ni una menos**. Disponível em: <http://s1000050.ferozo.com/wp-content/uploads/2015/06/documento_OK-1-1.pdf> Acesso em 28 de abril de 2018.

O QUE são as ondas do feminismo? Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>> Acesso em 28 de abril de 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SANTOS, Maria Guadalupe dos. **O feminismo e suas ondas**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entenda-o-feminismo-e-suas-ondas/>> Acesso em 28 de abril de 2018.